

A EXPERIÊNCIA DO SABER COMO ESTRUTURA DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DO POVO KARIRI-XOCÓ (AL) EM SEUS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS¹

THE EXPERIENCE OF KNOWLEDGE AS A STRUCTURE FOR THE CULTURAL PRESERVATION OF THE KARIRI- XOCÓ PEOPLE (AL) IN THEIR COMMUNICATIVE ECOSYSTEMS

Erna Raisa Lima Rodrigued de Barros ²
Kysia Evellyn Menezes Nascimento³

Resumo: Este artigo discute a experiência do saber no povo Kariri-Xocó, em Alagoas, como fundamento de uma estrutura de preservação estético-cultural ancorada nos saberes tradicionais. Compreende a comunicação como vivência sensível e território de memória, onde imagem, oralidade e língua constituem ecossistemas comunicativos próprios. A pesquisa adota uma metodologia de caráter etnográfico articulada ao registro visual fotográfico no Espaço Swbatkerá, escola indígena local. A partir dessa imersão, buscou-se compreender como os processos comunicativos tradicionais — ancorados na oralidade, na escuta, na performatividade e nas experiências comunicacionais vivenciadas no território — estruturam modos de ensinar, aprender e preservar, configurando uma experiência estética que é também política e identitária. Ao evidenciar a centralidade da imagem e da narrativa como dispositivos de memória e resistência, o artigo propõe ampliar a compreensão dos modelos comunicacionais e educativos a partir das epistemologias indígenas, ressaltando a importância da preservação histórica, simbólica e territorial do povo Kariri-Xocó.

Palavras-Chave: 1. Saberes tradicionais 2. Experiência estética 3. Ecossistemas comunicativos

Abstract: This article discusses the experience of knowledge among the Kariri-Xocó people in Alagoas, Brazil, as the foundation of an aesthetic-cultural preservation structure anchored in traditional knowledge. It understands communication as a sensitive experience and a territory of memory, where image, orality, and language constitute their own communicative ecosystems. The research adopts an ethnographic methodology articulated with photographic visual documentation at Espaço Swbatkerá, a local indigenous school. From this immersion, the study sought to understand how traditional communicative processes—anchored in orality, listening, performativity, and communicative experiences lived in the territory—structure ways of teaching, learning, and preserving, configuring an aesthetic experience that is also political and identity-related. By highlighting the centrality of image and narrative as devices of memory and resistance, the article proposes to broaden the understanding of communicational and educational models from indigenous epistemologies, emphasizing the importance of the historical, symbolic, and territorial preservation of the Kariri-Xocó people.

Keywords: 1. Traditional knowledge 2. Aesthetic experience 3. Communicative ecosystems

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social (DCOS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM), Doutora em Sociologia, ernabarros@academico.ufs.br.

3 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduada em Publicidade e Propaganda, eve_k@academico.ufs.br.

1. Introdução

Situada às margens do Rio São Francisco, no município de Porto Real do Colégio, estado de Alagoas, a Terra Indígena Kariri-Xocó abrange aproximadamente 699 hectares e constitui o território de cerca de 2.500 pessoas. Mais do que um espaço físico delimitado, trata-se de um território historicamente produzido por meio de processos de resistência, reterritorialização e afirmação étnica, profundamente vinculados à dinâmica sociocultural da região do médio São Francisco (MUSEU Nacional, 2022).

A atual autodenominação “Kariri-Xocó” é resultado de complexos processos sócio-históricos de construção de fronteiras étnicas e de recomposição coletiva. A conjugação dos etnônimos expressa uma trajetória marcada por deslocamentos, alianças interétnicas, políticas de aldeamento e disputas fundiárias que atravessaram diferentes grupos indígenas do Nordeste. Inserida no contexto dos chamados “índios misturados”, categoria historicamente atribuída às populações indígenas submetidas a intensos processos de contato e miscigenação, a comunidade Kariri-Xocó evidencia, em vez de dissolução identitária, formas de reorganização social e de continuidade histórica.

É nesse horizonte que se insere a reflexão sobre a língua Kariri-Xocó como elemento central da afirmação étnica contemporânea. A revitalização e a valorização da língua constituem dimensões fundamentais da reconstrução identitária e da consolidação do pertencimento coletivo, articulando memória, território e ancestralidade. Assim, compreender a trajetória histórica do povo Kariri-Xocó implica reconhecer que sua identidade não se reduz aos marcos territoriais ou às classificações externas, mas se atualiza nas práticas culturais, nas narrativas de origem e nos esforços de fortalecimento linguístico que reafirmam sua presença no cenário indígena nordestino.

Este artigo tem como objetivo, portanto, analisar a experiência do saber entre o povo Kariri-Xocó, localizado no município de Porto Real do Colégio, em Alagoas, como fundamento de uma estrutura de preservação estético-cultural ancorada nos saberes tradicionais. Parte-se da compreensão de que a comunicação, nesse contexto, não se restringe a um modelo instrumental de transmissão de informações, mas se constitui como vivência sensível e

território de memória, no qual imagem, oralidade e língua articulam-se como ecossistemas comunicativos próprios. Assim, o estudo busca evidenciar como tais dimensões operam na manutenção da continuidade histórica, simbólica e identitária do povo Kariri-Xocó.

A pesquisa, de caráter etnográfico, articulada ao registro visual fotográfico realizado no Espaço Swbatkerá — escola indígena local —, propõe também compreender como os processos comunicativos tradicionais, baseados na escuta, na performatividade, na oralidade e na experiência territorial, estruturam modos próprios de ensinar, aprender e preservar. Ao destacar a centralidade da imagem e da narrativa como dispositivos de memória e resistência, o artigo pretende ampliar o debate sobre modelos comunicacionais e educativos, incorporando as epistemologias indígenas como referenciais legítimos de produção de conhecimento e como práticas políticas de afirmação cultural.

2. Ecossistemas comunicativos: dinâmicas e práticas culturais

Entende-se por ecossistemas comunicativos configurações dinâmicas de relações simbólicas, materiais e territoriais por meio das quais uma coletividade produz, compartilha e preserva sentidos. O conceito parte da metáfora do ecossistema para compreender a comunicação como um sistema vivo, interdependente e situado, no qual diferentes elementos — sujeitos, linguagens, tecnologias, espaços, memórias, práticas culturais e formas de conhecimento — interagem de maneira orgânica.

Nessa perspectiva, a comunicação deixa de ser entendida apenas como transmissão de informações e passa a ser concebida como experiência relacional, atravessada por dimensões históricas, afetivas, estéticas e políticas. Cada ecossistema comunicativo é moldado por seu contexto sociocultural específico, integrando oralidade, imagem, corporeidade, escrita, territorialidade e tecnologias em arranjos próprios.

Em contextos indígenas, por exemplo, os ecossistemas comunicativos podem incluir narrativas orais, rituais, cantos, grafismos, práticas pedagógicas comunitárias, uso da língua originária e relações com o território, formando uma rede de produção de sentido inseparável da memória coletiva e da cosmologia do grupo. Assim, o conceito permite reconhecer múltiplas formas de comunicação para além dos modelos midiáticos hegemônicos, valorizando epistemologias situadas e modos próprios de circulação do saber.

Para acessar tais ecossistemas na comunidade Kariri-xocó, é preciso compreender que a conservação da história e da cultura na comunidade também está vinculada à união entre outros grupos étnicos do Nordeste. Neste caso, a própria denominação reflete essa dinâmica, uma vez que “Kariri” representa um dos povos originários do estado de Alagoas, enquanto os “Xocó” têm suas raízes em Sergipe.

A conjugação dos termos Kariri-Xocó utilizados atualmente para designar este grupo indígena é resultado de complexos processos sócio-históricos de construção de fronteiras que resultam nesta autoidentificação étnica. Tal configuração étnica ocorre a partir de processos de territorialização que envolvem diferentes grupos indígenas dessa região do Rio São Francisco, formando os chamados índios “misturados” do Nordeste. (VENÂNCIO, Manuela, 2018, p. 28).

Essa fusão teve uma expansão ainda maior com o surgimento da comunidade “Fulkaxó” que retrata a junção desses dois povos com o grupo “Fulni-ô”, do estado de Pernambuco. Essas três famílias étnicas vivem em constante colaboração para realizar trocas de saberes ou em defesa de seus rituais, territórios, direitos e espiritualidade.

Conforme o Instituto Socioambiental (ISA, 2025) “Dentre as cerca de 160 línguas indígenas que existem hoje no Brasil, umas são mais semelhantes entre si do que outras, revelando origens comuns e processos de diversificação ocorridos ao longo do tempo.” Desse modo, a trajetória cultural dessas comunidades, incluindo a língua ou outros costumes, não se restringe a uma identidade homogênea, mas perpassa por gerações e é fortalecida por meio da integração ou relação entre outros sujeitos. Neste artigo, nossa proposta é tensionar as estruturas de comunicação e conhecimento das sociedades não tradicionais contrastando-as com os formatos de troca de saberes das comunidades indígenas.

Além disso, este texto tem como intuito reforçar a importância da preservação e ampliação cultural desses costumes ancestrais através das experiências estético-culturais que fazem parte da transmissão de saberes do povo Kariri-Xocó.

Dessa forma, a linguagem, em suas diversas manifestações, configura-se aqui como uma das principais ferramentas de interação e comunicação humana. Entretanto, para além da sua função primordial de viabilizar trocas sociais, constitui-se também como um instrumento de caráter singular para perpetuação e expressão de diversas culturas. A expressão de diferentes

saberes é um dos objetivos do Espaço Swbatkerá, escola livre indígena de Porto real do Colégio (AL), vinculado à comunidade Kariri Xocó, ambiente de preservação e perpetuação da cultura do seu povo e da língua Dzubukuá Kariri Kipeá.

O local foi criado pela professora Idiane Crudzá, mulher indígena da aldeia Kariri-Xocó e vice representante das línguas indígenas do nordeste pela UNESCO, e o ambiente, erguido por mãos indígenas, representa um símbolo de resistência para proteger os costumes tradicionais através de diferentes experiências estético-culturais, tão presentes nas vivências indígenas e em suas formas de transmissão de saberes, acima de tudo, ecossistemas comunicacionais.

Neste sentido, destacamos que existem diversas dinâmicas comunicacionais e epistemológicas ao redor do mundo, para além dos paradigmas hegemônicos, mas muitas não são analisadas e valorizadas pela sociedade. As formas de transmissão de saberes indígenas apresentam estruturas únicas que frequentemente se distanciam dos modelos diários da maioria das pessoas e demandam um olhar sensível às suas especificidades.

O processo de educação e comunicação ancestral está intrinsecamente vinculada à construção de identidade, pertencimento cultural e passagem dos seus saberes para outras gerações. Observa-se que o “partilhar” do conhecimento através dos povos indígenas não foi estruturado para reproduzir processos de dominação educacionais intitulados por Paulo Freire como educação bancária:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (Freire, 1970, p. 33)

Reconhecer esta pluralidade existente nas comunidades indígenas é, também, repensar os formatos de comunicação e produção de conhecimentos para além dos limites dos meios de educação atuais, principalmente aos modelos vinculados às instituições de ensino. Dentre os diversos formatos de linguagem utilizados na passagem de conhecimento da comunidade Kariri-Xocó, a preservação da língua mostra-se como um recurso imprescindível não apenas enquanto uso da expressão original de seu grupo, mas também como elemento fundamental

para a garantia de sua identidade. ‘O uso cotidiano das línguas indígenas é fundamental para a sua existência e reprodução vigorosa e criativa pelas próximas gerações.’ (Iphan, 2020, p. 5).

De acordo com a professora Idiane Crudzá, a sua escola em Kariri-xocó é um ambiente não formal com o intuito de fortalecer a língua e os costumes do seu povo. O local funciona há cerca de 8 anos e não há restrição de faixa etária para desenvolver o aprendizado dos seus costumes, a sala de aula é, então, um espaço aberto para crianças, jovens e adultos. Para ampliar as estruturas de ensino, a líder indígena utiliza de recursos visuais por meio de apostilas autorais, das quais destacamos algumas imagens:

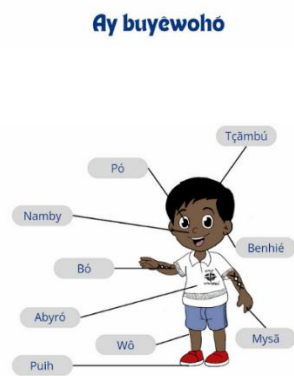


FIGURA 1 – Acervo pessoal - Apostila Dzubukuá Kariri-Kipeá. Volume I - Infantil
FONTE – Acervo pessoal (2025)



FIGURA 2 – Acervo pessoal - Apostila Kariri-xocó Unidade I - Apresentação e cultura
FONTE – Acervo pessoal (2025)

Sabemos que o Espaço Swbatkera apresenta-se como um ambiente de preservação e continuidade das relações de saberes já existentes na comunidade Kariri-Xocó. Nele a experiência estética é vivenciada como dimensão constitutiva do próprio processo comunicacional do povo Kariri-Xocó, em Alagoas. Lá, a estética não é compreendida apenas como expressão artística, mas como forma sensível de produção e circulação de saberes. O toré — ritual em formato de dança —, os cantos, as pinturas corporais, o uso de ervas na chanduca e a relação com a natureza são linguagens que estruturam os câmbios culturais e atualizam a memória ancestral. Nesses contextos, corpo, território e espiritualidade se articulam como dispositivos comunicativos que produzem pertencimento, identidade e continuidade cultural.

A experiência estética, portanto, é apresentada como prática vivida: o corpo que dança, a voz que entoa o canto, o gesto que prepara a erva, a pintura que inscreve a memória na pele. Esses elementos configuram um ecossistema comunicativo no qual a transmissão de saberes ocorre por meio da sensorialidade, da coletividade e da ritualidade.

No espaço escolar, essa dimensão se amplia com o uso de materiais visuais produzidos pela professora indígena, que articulam imagem e pedagogia, fortalecendo a aprendizagem sem romper com a matriz tradicional. A experiência estética é portanto também uma tecnologia ancestral de preservação cultural, onde comunicação, memória e território se entrelaçam como fundamento da continuidade do povo Kariri-Xocó.

1. Língua, memória e resistência como ecossistema comunicacional indígena

Para compreendermos as lutas indígenas e a resistência de seus costumes é preciso analisar os retrocessos e o apagamento histórico sofridos por estes povo ao longo do tempo. Neste sentido, as narrativas contadas acerca desse povo são comumente marcadas por incongruências, principalmente nas instituições de ensino.

Assim como a comunicação é um organismo vivo de determinado ambiente, a língua indígena é uma forma de repositório que carrega um sistema completo de significados e conhecimento. Neste caso, a língua Dzubukuá Kariri Kipeá da família Kariri-Xocó é considerada por Idiane Crudzá e outros linguistas como parte do grande tronco Macro-Jê. Segundo o Instituto Socioambiental (2025):

Os especialistas no conhecimento das línguas (lingüistas) expressam as semelhanças e as diferenças entre elas através da idéia de troncos e famílias lingüísticas. Quando se fala em tronco, têm-se em mente línguas cuja origem comum está situada há milhares de anos, as semelhanças entre elas sendo muito sutis. Entre línguas de uma mesma família, as semelhanças são maiores, resultado de separações ocorridas há menos tempo. No que diz respeito às línguas indígenas no Brasil, por sua vez, há dois grandes troncos - Tupi e Macro-Jê. (Instituto Socioambiental, 2025)

Este depoimento evidencia os saberes ancestrais e o uso de sua língua como forma de valorização da própria história da comunidade Kariri-Xocó, além da importância do espaço Swbatkerá como estrutura de conservação desses meios. Afinal, dentre os vários recursos utilizados por um grupo para disseminar seus hábitos através da linguagem, a língua é um veículo que carrega a herança cultural e a identidade de determinada bolha. Contudo, de acordo com o (MEC, 2019):

(...) 1.970 escolas não possuem água filtrada, 1.076 não possuem energia elétrica e 1.634 escolas não possuem esgoto sanitário. São 3.077 escolas sem biblioteca, 3.083 sem banda larga e 1.546 que não utilizam material didático específico. E, apesar de 2.417 escolas não informar a língua indígena adotada, 3.345 unidades escolares utilizam linguagem indígena. (MEC, 2019)

Para além das estruturas físicas evidenciadas pelo Ministério da Educação (MEC), existem algumas estruturas coletivas enraizadas na sociedade que dificultam o esforço comunitário dessas comunidades indígenas. Assim, na tentativa de manter a sua herança cultural ou a sua identidade por meio da linguagem e da língua, as estruturas de preservação precisam atravessar algumas questões sociais e culturais.

Os obstáculos, desafios e dificuldades para manter línguas indígenas em pleno uso são diversos, especialmente em contextos de frequente interação com as línguas nacionais hegemônicas. Muitas dificuldades estão vinculadas à escolarização, aos meios de comunicação dominantes e à adoção de práticas políticas e religiosas que geram o abandono da língua indígena. O racismo estrutural e o preconceito, característicos de processos colonialistas ainda vigentes, também dificultam a preservação das línguas, como apontam os participantes do I EIDLI. (Iphan, 2020, pg. 66)

Acerca disso, é preciso classificar as diferenças entre os conceitos comunicacionais “linguagem” e “língua” para entender as trocas realizadas dentro da comunidade Kariri-Xocó. A linguagem é uma condição inata da humanidade através da comunicação e se manifesta em diversos formatos, de acordo com Saussure (2004):

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; um cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (Saussure, 2004, p. 17).

Em contrapartida, o autor acredita que a língua é uma construção dessa humanidade através de signos e significados, é uma das formas que a linguagem se manifesta em sua coletividade, “sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário.” (Saussure, 2004, p. 79). Entender essas terminologias é um processo fundamental para a compreensão das trocas de saberes e do ecossistema comunicativo presente nas comunidades ancestrais, afinal:

Pensar em Ecossistemas Comunicativos é pensar na maneira como sujeitos de um determinado espaço se relacionam e dialogam. Esses modos de comunicação na escola impactam no ecossistema de aprendizagem configurando-o como mais ou menos colaborativo, mais ou menos participativo, mais ou menos autônomo. (Sartori, 2023, p. 20)

Desse modo, compreender a comunidade Kariri-Xocó através dos recursos comunicacionais existentes em seu território é também preservar a memória e a individualidade desse povo para além de uma função social e mercadológica amparada na educação bancária. Afinal, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1979, p. 79).

Consequentemente, a construção dessa memória, através da comunicação e de uma ótica que visa se distanciar dos olhares coloniais que são operados durante séculos acima dessas

figuras, contribui para a reparação e uma nova representação desse povo na sociedade. Esse resgate é fundamental porque a história de muitas comunidades indígenas, com frequência, não são contadas pelo próprio povo, mas por narrativas externas dominantes.

Para Djamila Ribeiro, “a forma como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder. Poder é a habilidade não só de contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (2018, p.18). Portanto, a memória tem um caráter fundamental na preservação e construção desses hábitos, visto que muitas lembranças e representações do seus costumes foram comprometidas devido a forma que suas narrativas foram elaboradas, como menciona Pollak:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

Desse modo, a construção desta memória atravessa representações de algumas figuras, adereços ou costumes do povo Kariri-Xocó. Neste sentido:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos.” (Hall, 2016, p. 31)

Portanto, ao compreendê-los através dos seus diversos formatos de linguagem, sejam eles os rituais, a língua ou os seus costumes, elaboramos uma via de interpretação através da construção de significados do próprio povo Kariri-Xocó. Assim, acrescenta o Hall (2016):

E é aqui onde a representação aparece: ela é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que nos referimos ao mundo "real" dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios. (2016, p. 34)

Sob efeito dessas estruturas de comunicação na comunidade Kariri-Xocó ou no espaço Swbatekerá, é possível notar, de forma orgânica, a presença da Educomunicação, um recurso interdisciplinar que integra os campos da comunicação e da educação:

Refere-se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2008, p. 10)

Por fim, torna-se necessário a ampliação e a popularização dessas práticas para outros espaços do “saber”, notadamente as instituições de ensino. A fim de promover a participação ativa e horizontal dos sujeitos no processo de aprendizado de forma semelhante às práticas da comunidade Kariri-Xocó. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente:

É preciso prover a popularização do uso dos meios a partir da experiência aprendiz e diálogo interativo constante entre estudantes, educadores, pesquisadores e comunicólogos, entre outros profissionais, estando esses atores identificados tanto no sistema formal de educação quanto nos processos educadores não-formais e informais. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2008, p. 9)

Assim, o ato de descolonizar os saberes é uma forma de reconhecer e validar o conhecimento construído em espaços ancestrais que também são produtores de ciência e conhecimento válido, sejam eles de natureza formal ou informal. Ademais, reinserir esses espaços nas dinâmicas de aprendizado, como um formato didático e educativo, é um método para a sociedade refletir acerca de estruturas violentas que ainda circundam a vivência dessas comunidades tradicionais, como aponta Hooks:

E nós realmente precisamos estar dispostos a reconhecer que indivíduos com muitos privilégios, que não são injustiçados de modo algum, são capazes de trabalhar em favor dos oprimidos por meio de suas escolhas políticas. Tal solidariedade não precisa estar embasada na experiência compartilhada. Pode estar enraizada no entendimento ético e político do racismo e da rejeição à dominação de alguém. Portanto, nós podemos ver a necessidade de um tipo de educação para a consciência crítica que pode capacitar quem dispõe do poder e do privilégio baseados nas estruturas de dominação a abrir mão deles sem precisar se ver como vítima. (Hooks, 2019, p. 44)

3. Procedimentos metodológicos

A metodologia deste artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, estruturada a partir da imersão no território do povo Kariri-Xocó, localizado em Porto Real do Colégio, Alagoas. O trabalho de campo foi realizado em dezembro de 2026 e teve como eixo central a escuta sensível e o diálogo com mulheres da comunidade, especialmente por meio de entrevista aprofundada com Idiane Crudzá, cuja trajetória expressa o protagonismo feminino na preservação cultural e na transmissão dos saberes tradicionais. As entrevistas foram conduzidas em perspectiva aberta e narrativa, privilegiando a oralidade como método e como conteúdo, reconhecendo-a como dispositivo legítimo de produção de conhecimento.

A experiência de campo incluiu ainda a participação no Encontro Jovem da comunidade (dezembro de 2025), rodas de conversa intergeracionais e momentos de convivência no território, possibilitando a observação das práticas comunicacionais cotidianas e rituais. Foram realizadas interlocuções com representantes e lideranças locais, ampliando a compreensão sobre os modos de ensinar e aprender que estruturam a experiência do saber Kariri-Xocó. A presença no Espaço Swbatkerá e em outros ambientes comunitários permitiu compreender como a transmissão cultural se articula entre escola, território e ritualidade.

As entrevistas realizadas com Idiane Crudza, em dezembro e fevereiro de 2026, o constituem eixos metodológicos fundamentais para a escrita deste artigo, pois é a partir de sua narrativa que se delineia a experiência viva do protagonismo feminino no povo Kariri-Xocó, em Alagoas.

Ao privilegiar a escuta das mulheres — reconhecidas como guardiãs da memória, mediadoras do cuidado e protagonistas nos processos de afirmação identitária —, a pesquisa evidencia que a transmissão dos saberes Kariri-Xocó se realiza de forma coletiva, performativa e territorializada. A metodologia adotada, portanto, não se limita ao registro informativo, mas se constrói como experiência relacional, na qual pesquisadoras e comunidade compartilham

narrativas, fortalecendo uma produção de conhecimento ética, situada e comprometida com as epistemologias indígenas.

Esta pesquisa adotou portanto, uma abordagem metodológica exploratória com o intuito de entender o ecossistema comunicacional e os costumes existentes na comunidade Kariri-Xocó. De acordo com Joaquim Severino:

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microsocial, olhado com uma lente de aumento” (Severino, 2007, p. 104).

Com o intuito de complementar a análise do ambiente também foram realizados registros fotográficos que documentam o local e as vivências presentes no ambiente da comunidade Kariri-Xocó. Neste sentido, o surgimento da fotografia não teve como intuito ser um material de análise histórica, mas também uma forma de materialização e memória através do recurso visual. conforme Kossoy “o mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado” (Kossoy, 2012, p. 29). Dessa forma, as fotografias vão servir como uma ferramenta para ampliar a análise por meio de um formato ilustrado, para além dos recursos orais e textuais, durante a coleta de materiais da vivência na comunidade.

4. Transmissão de saberes kariri-xocó: protagonismo da mulher indígena, inserção e vivência em kariri-xocó (AL)

Escritora, professora dos conhecimentos ancestrais, a atuação de Idiane Crudzá, líder kariri-xocó revela que a experiência estética do saber — vivida nos rituais, na língua, na arte e na relação com a natureza — é também um caminho de liderança feminina. Sua trajetória revela como memória, militância, espiritualidade e educação se entrelaçam na preservação cultural.



FIGURA 3 – Roda de conversa com Idiane Crudzá, kariri-xocó

FONTE – Acervo pessoal (2025)

Ao se apresentar, Idiane afirma: *“eu sou uma mulher empoderada que luto incansavelmente para manter viva a tradição do meu povo”* (entrevista oral, dezembro 2025). Sua fala evidencia que o empoderamento, em seu contexto, não é apenas uma categoria política contemporânea, mas uma prática cotidiana de resistência cultural. Ela destaca ainda a centralidade da força feminina ao afirmar que busca *“mostrar para as mulheres que temos vozes e somos capazes de alcançar nossos objetivos”* (entrevista oral, dezembro 2025).

Entre suas ações, ressalta o compromisso com a língua materna, promovendo encontros intergeracionais para cantar e dançar o toré. A valorização do artesanato, especialmente da cerâmica — por ela definida como *“uma arte feminina que trouxe o sustento das nossas famílias enquanto os homens esperavam a colheita da roça”* (entrevista oral, dezembro 2025) — demonstra como saber, economia e gênero se articulam na história da comunidade.

Idiane também associa sua trajetória à defesa do território e da espiritualidade: *“manter a floresta de pé, cuidar da mãe natureza também faz parte da minha trajetória”*; e reafirma: *“a medicina da floresta está viva dentro de mim”* (entrevista oral, dezembro 2025). Militante da causa indígena e defensora da inclusão de mulheres como lideranças, reconhece que sua

posição emergiu do reconhecimento coletivo: *“sou considerada uma liderança não por vontade, mas é assim que meu povo me vê”* (entrevista oral, dezembro 2025).

Para além de suas palavras, e observando toda vivência realizada em Kariri-xocó (5 e 6 de dezembro e 2025), nota-se que a experiência estética do saber, no contexto do povo Kariri-Xocó, em Alagoas, constitui-se como fundamento de preservação cultural, articulando imagem, memória e ecossistemas comunicativos enraizados no território. Aprender, nessa perspectiva, não se reduz à transmissão verbal de conteúdos, mas se realiza como vivência sensorial e coletiva, profundamente vinculada à natureza e à ancestralidade.

Um dos espaços centrais dessa experiência, por exemplo, é o Rio São Francisco, próximo à comunidade. Para conhecer a fauna, a flora, as águas e as lendas que atravessam a história do rio, propõe-se o banho coletivo como prática pedagógica e cultural. É na imersão nas águas que os saberes são compartilhados: enquanto se nada, se escuta; enquanto o corpo sente a correnteza, aprende-se sobre os peixes, as plantas medicinais, os encantados e as narrativas que habitam o imaginário local. O rio, assim, não é apenas paisagem, mas mestre e território de memória.



FIGURA 4 – Rio São Francisco, Porto real do Colégio AL

FONTE – Acervo pessoal (2025)

Os rituais também configuram potentes ecossistemas de comunicação. O toré, em sua circularidade dançada, e os cantos ancestrais estruturam uma pedagogia do corpo e da escuta.

O toré é um conjunto de cantos e danças indígenas que expressa acontecimentos históricos e culturais, apresentando em formas de arte os fenômenos naturais do universo tribal. O canto conectado com a dança, harmonizado no espírito coletivo, praticado na energia nativa, derrama o suor no chão; os movimentos dos braços trazem a chuva refrescante do inverno. O instrumento musical maracá é tocado de acordo com os batimentos cardíacos do coração, respeitando e seguindo o ritmo da vida. (NHENETY KARIRI-XOCÓ, 2013, p. 65)

Aprender é entrar na roda, sentir o pé no chão, acompanhar o ritmo, perceber o movimento coletivo. A experiência estética emerge do gesto compartilhado, da vibração do canto, da energia que circula entre corpos e território. É na prática ritual que identidade e pertencimento se atualizam.



FIGURA 5 – Toré, Comunidade kariri-xocó, Porto real do Colégio AL

FONTE – Acervo pessoal (2025)

Cabe destacar que, no contexto ritual do toré, a participação feminina entre o povo Kariri-Xocó assume centralidade simbólica e política, revelando dimensões profundas do protagonismo das mulheres na sustentação da vida coletiva. A organização dos círculos — em que o masculino é envolto pelo feminino — não constitui apenas uma disposição espacial, mas traduz uma cosmologia específica acerca das energias que estruturam o corpo social e espiritual da comunidade.

“A motivação para que sejam feitos círculos em que o masculino é envolto pelo feminino se dá por meio da noção KaririXocó de que as mulheres têm uma energia mais forte, no sentido de proteção. Ao estarem no círculo de fora, as mulheres protegeriam os homens que estão no círculo de dentro” (VENÂNCIO, 2018, p. 126).

Tal compreensão evidencia que o feminino é associado à força protetora, à guarda e à sustentação do equilíbrio ritual. O círculo externo, ocupado pelas mulheres, simboliza a camada de proteção espiritual que envolve e resguarda o coletivo, reafirmando o papel feminino como guardião da integridade física e simbólica do grupo.

Essa disposição ritual reconfigura leituras externas que, por vezes, interpretam a participação feminina em contextos indígenas como secundária. No toré, ao contrário, o protagonismo das mulheres manifesta-se na corporeidade do ritual, na condução das energias e na garantia da harmonia espiritual. O corpo feminino torna-se território de força e mediação, articulando proteção, cuidado e poder.

Além disso, a presença ativa das mulheres no toré dialoga com processos mais amplos de afirmação política e identitária vivenciados pela comunidade. Ao ocupar o círculo externo — posição estratégica de defesa e contenção —, as mulheres simbolizam também a proteção do território, da memória ancestral e das futuras gerações. O protagonismo feminino, nesse sentido, ultrapassa o espaço ritual e se projeta nas lutas contemporâneas por direitos, reconhecimento e continuidade cultural.

Assim, a configuração circular do toré revela uma pedagogia simbólica na qual o feminino não apenas participa, mas sustenta e envolve o coletivo. A força atribuída às mulheres,

entendida como energia protetora, reafirma a centralidade do protagonismo feminino na organização social Kariri-Xocó, evidenciando que espiritualidade, território e resistência são dimensões indissociáveis da atuação das mulheres na vida comunitária.

O artesanato, por sua vez, constitui outra via de acesso aos saberes tradicionais. Cada brinco, colar ou adorno carrega uma história e uma relação específica com a natureza: penas, sementes, ossos e fibras vegetais provêm de lugares determinados e evocam conhecimentos sobre ciclos naturais, respeito aos animais e modos de coleta. Ao produzir e usar esses objetos, transmite-se um saber local que conecta matéria, memória e espiritualidade.

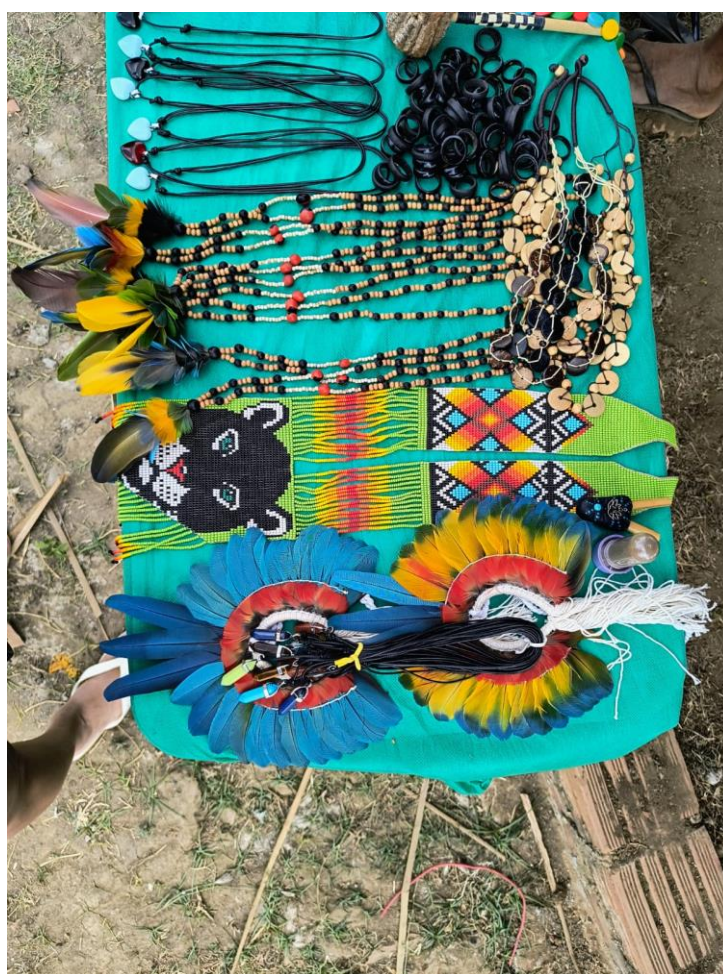


FIGURA 6 – Artesanato na Comunidade kariri-xocó, Porto real do Colégio AL

FONTE – Acervo pessoal (2025)

Considerações finais

A experiência estética do saber entre o povo Kariri-Xocó evidencia-se como uma estrutura viva de preservação cultural, sustentada por práticas que articulam corpo, território e coletividade. Ao longo deste estudo, tornou-se possível compreender que ensinar e aprender, nesse contexto, não se configuram como processos dissociados da vida comunitária, mas como experiências integradas à ritualidade, à oralidade, à língua e às formas próprias de comunicação que emergem do cotidiano no território de Porto Real do Colégio, em Alagoas.

A estética do saber manifesta-se na performatividade do toré, nas narrativas transmitidas pelas mulheres, nas imagens que registram e reatualizam a memória e na escuta que sustenta as relações intergeracionais. Nesse horizonte, a comunicação não se apresenta como instrumento externo, mas como dimensão constitutiva da própria tradição. Trata-se de uma prática relacional que entrelaça memória e presença, passado e futuro, reafirmando a identidade coletiva diante dos desafios contemporâneos.

A experiência do saber Kariri-Xocó revela, portanto, que a preservação cultural não é estática nem meramente comemorativa, mas se realiza como movimento contínuo de resistência, recriação e afirmação política. Ao reconhecer a centralidade dessa experiência estética e comunicativa, o artigo contribui para ampliar o debate sobre epistemologias indígenas, destacando que a continuidade histórica do povo Kariri-Xocó se sustenta na força de seus modos próprios de narrar, ensinar e existir no território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. Organização: Francisco de Assis Moraes da Costa. Brasília: MMA, 2008.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Relatório: dados de 2023 – violência contra os povos indígenas no Brasil**. [S.l.]: CIMI, 2023.
- CRUZ, Denízia. *Kariri Xocó contos indígenas*. Volume 2. Ilustrações de Caco Bressane. São Paulo: SESC São Paulo, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- _____, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Diversidade linguística indígena: estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento**. Brasília: Iphan, 2020.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Línguas. In: **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org.br/pt/L%C3%ADnguas> Acesso em: 29 set. 2025.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história / Boris Kossoy**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- MUSEU Nacional. *Os primeiros brasileiros: Kariri Xocó*. Disponível em <https://osprimeirosbrasilheiros.mn.ufrj.br/pt/mundo-contemporaneo/kariri-xoco> Acesso em: 30 de janeiro de 2022.
- NHENETY, Kariri-Xocó. *Fulkaxó: ser e viver Kariri-Xocó* / Organizado por Ulysses Fernandes; Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Edições SESC SP, 2013.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social: Estudos Históricos**. São Paulo: PUC, 1995.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Ministério da Educação (MEC). **MEC trabalha por avanços na educação escolar indígena**. Portal MEC, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/busca-geral/206-noticias/1084311476/75261-mec-trabalha-por-avancos-na-educacao-escolar-indigena>. Acesso em: 17 set. 2025.

SARTORI, A. S.; GARCEZ, A. F.; VIEIRA, W. M. **Educomunicação e Ecosistema Comunicativo: uma revisão sistemática**. Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v. 48, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>. Acesso em: 23 set. 2025.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VENÂNCIO, Manuela Machado Ribeiro. Os Kariri-Xocó do Baixo São Francisco: organização social, variações culturais e retomada das terras do território de ocupação tradicional. 2018. 237 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

Lista de figuras

FIGURA 1 – Acervo pessoal - Apostila Dzubukuá Kariri-Kipeá. Volume I – Infantil

FIGURA 2 – Acervo pessoal - Apostila Kariri-xocó Unidade I - Apresentação e cultura

FIGURA 3 – Roda de convesa com Idiane Crudzá, kariri-xocó

FIGURA 4 – Rio São Francisco, Porto real do Colégio AL

FIGURA 5 – Toré, Comunidade kariri-xocó, Porto real do Colégio AL

FIGURA 6 – Artesanato na Comunidade kariri-xocó, Porto real do Colégio AL